

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MUSEUS, GALERIAS E COLECÇÕES XIX. LITOGRAFIAS DE JOÃO BAPTISTA RIBEIRO.

VITORINO, Pedro

Ano: 1939 | Número: 49

Como citar este documento:

VITORINO, Pedro, Museus, Galerias e Coleções XIX. Litografias de João Baptista Ribeiro. *Revista de Guimarães*, 49 (1-2) Jan.-Jun. 1939, p. 30-34.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Museus, Galerias e Colecções

XVIII

O pintor bracarense António José Pereira

A existência, na minha colecção, de uma gravura assinada com um nome para mim desconhecido, levou-me a procurar saber, vai há alguns anos já, quem seria o seu obscuro autor. Essa estampa, de feição religiosa, representa a Virgem no seu transe, para a qual, na mesma, se pede a «protecção para a hora da morte»; trata-se de um registo da «Igreja de S. Paulo e Real Collegio das Urselinas da Cidade de Braga»; a subscrição que ela mostra é esta: *Antonio José Pereira, del. — D. J. S. sc..*

Desde logo relatei a gravura com outra que possuo, de *N. Senhora da Torre, Protectora da Augusta Braga*, assim subscrita: *A. J. Per.^a dozen. — D. J. Silva Sculp.* Um exemplar desta existe na Colecção da Sociedade Martins Sarmento (*Colecção de estampas*, 1931, n.º 617). O autor do desenho é sem dúvida o mesmo, exercendo a sua actividade em Braga.

A gravura em referência não se nos apresenta como qualquer registo banal, com uma imagem hirta e incaracterística mais ou menos enriquecida de adornos circundantes. Longe disso. É um verdadeiro quadro, de sóbria e agradável composição, onde a Virgem, com semblante serêno, agoniza no seu leito de dor rodeada dos Apóstolos e de duas santas mulheres, e sobre a qual uns anjos, entre nuvens, deixam cair flores; o Espírito Santo, numa auréola de luz, coroa o quadro, verdadeiramente impregnado de religiosidade.

Logo se apreende que o autor dessa aprazível composição era pessoa dotada de recursos artísticos. Isto mais me despertou a curiosidade de o conhecer.

*

* *

Com nome igual, menciona Raczynski no seu livro *Les Arts en Portugal*, 1846, p. 372, um pintor de uns vinte e seis anos, natural de Viseu; mas a circunstância, relatada, de êle nunca ter saído da sua terra natal, levou-me a duvidar que fôsse êsse o autor da estampa; de resto, esta parecia-me de época anterior.

Outros dois, de nome António Pereira, simplesmente, são mencionados por Taborda (*Regras da Arte da Pintura*), o primeiro contemporâneo de Felipe III, e o segundo do tempo de D. José I. Não podia ser, inquestionavelmente, qualquer dêstes, também, o autor dos desenhos das estampas referidas.

Assim decorreram uns anos sem nada averiguar acêrca do assunto.

Certo dia, ao colhêr referências respeitantes ao pintor Augusto Roquemont no *Periodico dos Pobres no Porto*, caía-me sob os olhos, inesperadamente, na série publicada nesse jornal com o título genérico "Apontamentos biographicos de pintores, esculptores e architectos" o nome do pintor António José Pereira. Era êste, sem dúvida, o artista em questão.

Assim me mostrou, com clareza, a leitura da sua biografia, trazida à luz no dia 20 de Fevereiro de 1856. O obscuro pintor teve, por felicidade, quem transmitisse aos pósteros algumas notas da sua vida; foi o architecto e professor da Academia Portuense de Belas-Artes, Manuel José Carneiro, que, sob o anonimato, nos deu no referido *Periodico* informações valiosas sôbre alguns artistas do seu tempo do norte do País.

*

* *

"Antonio José Pereira, filho de Luiz Antonio Pereira, e de sua mulher Maria Thereza, nasceu em Braga

na rua das Oliveiras n'uma quinta feira 14 de março de 1793 pelas 9 horas da manhã, e foi baptizado na Parochia de S. Victor n'uma segunda feira 17 do mesmo mez sendo padrinhos o R. P. M. Frei Antonio de Sancta Maria Magdalena, Religioso da ordem dos pré-gadores, e o Beneficiado João José da Costa.

«Segundo a opinião de uns, nunca teve mestre; segundo a opinião de outros, estudou os primeiros elementos de desenho com o Engenheiro José Antonio d'Almeida Mattos, seu patricio, e a pintura com um seu tio que encarnava e estufava santos de madeira.

«Pintava tanto a oleo como em miniatura, e em ambos os generos fez retratos em Braga sua patria.»

Indica o minucioso biógrafo vários trabalhos dêste pintor existentes em Braga: dois quadros na capela do Sacramento da Sé, e duas bandeiras, uma da Confraria da Senhora de Guadalupe e outra da igreja de Santa Cruz. Na capela do SS. acham-se nas paredes quatro telas, emparelhantes, duas de feição alegórica (feitas há poucos anos) no alto, e duas outras, maiores, subjacentes, com assuntos bíblicos; as do nosso artista são estas últimas; creio serem alusivas ao profeta Daniel: *Baltasar e Nabucodonosor* e *A visão junto do rio Tigre* (Caps. II e X). Deixaram-me boa impressão, quanto ao arranjo e colorido dos quadros.

Na bandeira de Santa Cruz pude observar de perto a imagem de Cristo com a cruz às costas (pequeno quadrado de tela cerzido num pendão de damasco vermelho) que, apesar de bastante deteriorado, me consentiu avaliar, na expressão doce do rosto do Senhor, as faculdades picturais do artista, que são, na verdade, apreciáveis.

Como António José Pereira professasse ideias liberais, para evitar dissabores, resolveu em 1823 sair da sua terra natal e fixar-se no Pôrto; nesta cidade fêz bastantes retratos «com grande aceitação das pessoas de todas as classes e de todos os partidos politicos».

Um dos retratos de sua autoria pode ser visto na Irmandade de Nossa Senhora da Lapa; é o do benfeitor António de Oliveira Guimarães, revestido do hábito da Ordem, o qual se acha na parede principal da galeria dos benfeitores. Foi, observa o bió-

grafo, feito «de furto», isto é, apenas por observação fugidia e sem o modelo à vista, processo para que o nosso pintor tinha «habilidade particular». E' trabalho bastante recomendável, de desenho correcto e colorido suave, que se destaca de outros da mesma época, existentes na Ordem, deveras inferiores. Esse retrato permite-nos formar um juízo assaz lisonjeiro sôbre os méritos do seu autor.

Alguns trechos da história anedótica do artista não esqueceram ao biógrafo :

«Depois da morte do Senhor D. João VI foi-lhe encommendado pela Camara do Porto o retrato do Senhor D. Pedro IV, de corpo inteiro, tamanho natural; estudou-o com todo o esmero, mas não chegou a ser collocado no lugar destinado por causa dos acontecimentos politicos de 1828 e foi pelo proprio author retalhado com uma faca em occasião que receava uma busca em casa.

«Pintou os transparentes para a illuminação que a Camara do Porto mandara fazer pela vinda do Senhor Infante D. Miguel em Fevereiro de 1828; representava o quadro principal o mesmo Senhor Infante jurando como Regente sobre um livro que lhe era apresentado por um guerreiro coberto com uma pelle de Leão, e o Tempo conduzindo nos braços a jovem Rainha a Senhora D. Maria Segunda: não agradou á Camara tal composição e como não houvesse tempo de fazer outra pintura teve o quadro de apparecer na segunda e terceira noite com as figuras accessorias cobertas ficando, por este motivo, fazendo pessimo effeito a figura do Senhor Infante.

«Tinha começado um quadro de um calvario cujas figuras erão de dous palmos pouco mais ou menos que era por certo a sua melhor obra e revelava que o author consultava o natural e não copiava estampas como a maior parte dos nossos pintores, mas infelizmente não chegou a concluil-o; acometido de grave doença falleceu no Porto na rua de Sancto Antonio no dia 8 de julho de 1829 e no seguinte dia foi sepultado na Igreja de Sancto Ildefonso de que era parochiano.»

António José Pereira, desventuradamente, teve existência curta, pois falecia com 36 anos.

Por fim, Manuel José Carneiro, que contava 25 anos quando êste pintor se finou, conhecendo-o portanto de pessoa, retrata assim, física e intelectualmente o seu biografado:

“Era alto, sêcco de carnes mas não em demazia, tinha rosto comprido, olhos castanhos e bem rasgados, nariz alguma coisa aquilino e um pouco mais grosso da ponta, boca regular, côr trigueira, cabelo preto e suissa grande; não era destituído de instrução, e era dotado de judiciosa critica.”

Com tal precisão de elementos fisionómicos, possível seria, por certo, sem menos felicidade do que os celebrados retratos “de furto”, delinear a effigie dêste obscuro e pouco venturoso artista bracarense...

PEDRO VITORINO.